

Tessitura Coletiva e Conformação de Experiências de Extensão no Interior do Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFRJ

Área Temática de Direitos Humanos

Resumo

O trabalho ora apresentado diz respeito ao processo em curso de Extensão Universitária no âmbito do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, antenada ao princípio básico da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão universitárias. Princípio intimamente associado à perspectiva de efetividade de uma Universidade pública e competente, que trafegue cada vez mais num curso de presença e comprometimento real com as distintas feições dos grupos sociais partícipes da sociedade brasileira. Objetivos: socializar projeto de extensão em curso no Centro de Filosofia e Ciências Humanas, relatando mais detidamente, duas experiências concretas, o Evento “64mais40: golpe e cam(pus)os de resistência e o curso de Teoria Sociais para o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). Apresentação das linhas centrais do projeto, desenvolvimento dos experimentos acima nomeados, especificação de atividades e seus sentidos, detalhamento de professores/alunos/funcionários e convidados externos envolvidos, traçado geral dos conteúdos teóricos e elementos de sua problematização, produtos e componentes da ordem da avaliação. As experiências em curso têm contribuído para que a universidade efetue uma ação real voltada para a socialização do conhecimento e experiência, direcionando-os a uma efetiva ampliação de direitos sociais.

Autores

Maria Lídia Souza da Silveira, professora adjunta da Escola de Serviço Social e Coordenadora de Extensão do CFCH/UFRJ

Eliana Amorim Moura, professora adjunta da Escola de Serviço Social

Luciane Quintanilha Falcão, professora adjunta da Faculdade de Educação

Marildo Menegat, professor adjunto da Escola de Serviço Social

Carmem Gadelha, professora adjunta da Escola de Comunicação

Instituição

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Palavras-chave: função social; projeto coletivo; consciência social

Introdução e objetivo

O trabalho ora apresentado diz respeito ao processo de institucionalização substantiva da Extensão Universitária no âmbito do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O que ora é apresentado se refere à espinha mestra de um projeto de extensão que vai sendo delineado e conformado a partir da conjugação de dois movimentos: da instauração de um coletivo de trabalho no âmbito do Centro, com potencialidade de pensar, experimentar - praticizar, sistematizar, avaliar e realimentar a política de extensão que vai sendo instituída; ao mesmo tempo em que, valorando as iniciativas departamentais, estabelece com estas instâncias relações de apoio e articulação.

Este texto expressa os dois movimentos intentados por este coletivo: delinear os sentidos do projeto-percurso em constituição – que terá num Seminário de Extensão do próprio Centro momento privilegiado de troca e estabelecimento de estratégias -, e relatar

duas das práticas empreendidas: o evento denominado “64mais40: golpe e campo(u)s de resistência”, seminário que integrou áreas acadêmicas do Centro, articulando a dimensão acadêmica e da ordem da reflexão da vida social às diferenciadas esferas de expressão artística presentes nas formas através das quais os sujeitos humanos organizam e expressam sentimentos, emoções, desejos e escolhas de existência.

O segundo experimento diz respeito a uma particular parceria com a Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ, direcionado à realização de curso de Teorias Sociais para o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). Metodologia: Apresentação das linhas centrais do projeto, desenvolvimento dos dois experimentos acima nomeados, especificação de atividades e seus sentidos, traçado geral dos conteúdos teóricos e elementos de sua problematização, produtos e componentes da ordem da avaliação.

Resultados e discussão

Um primeiro elemento importante diz respeito ao próprio traçado do projeto. Nesse sentido, reafirma-se a postura do CFCH, que encampa um conjunto de formulações se vinculando ao movimento concreto de processos extensionistas em curso desenvolvidos no Brasil por conjunto significativo de universidades organizadas no âmbito do Fórum de Pró-Reitores de Extensão. O que nos impõe a compreensão de que o mapeamento do projeto do CFCH necessita estar articulado a este nível nacional, porque este está correspondendo à concepção de Universidade – e de extensão- presentes no âmbito do Centro.

Tais formulações têm traduzido nossas aspirações e visão de uma Universidade Pública e Competente, comprometida, de fato, com sua função social. O que significa afirmar que a democratização da Universidade implica necessariamente em ultrapassagem de seus muros e de suas relações internas; ou seja, significa experimentar a construção, poderíamos dizer, do em si e do para si. Da competência acadêmica, do espaço plural, de participação e construção de inovações para a vida social, mas igualmente, da conformação de uma particular sensibilidade frente às demandas sociais, aos interesses reais da população, numa abertura para as interpelações postas pelas maiorias, e que podem redundar em precioso exercício de produção de conhecimento socialmente necessário, assim como sua socialização, num estabelecimento efetivo de vínculos com a sociedade concreta.

Entre estes componentes que se fazem presentes e conformam este expressivo entorno nacional, destacamos a própria concepção de Extensão, produzida no encontro de 1987, quando foi organizado o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. “Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico.(...)(...)Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social”. (www.renex.org)

Aproximando as definições destes fóruns mais amplos à intencionalidade de operar e materializar no espaço do CFCH, ações extensionistas fundadas em estratégias explícitas e substantivas, evocamos a fala de Renato Janine Ribeiro em entrevista no Jornal do Brasil. Ao ser indagado sobre o que mais o incomodava na universidade brasileira, afirmava que “a nossa universidade criou uma relação errada com o que está fora dela.(...)A sociedade fora do campus é reduzida ao mercado, que é só uma parte das relações sociais. Proponho que o melhor do mundo acadêmico, que é a pesquisa, e o que é menos valorizado nas boas universidades, a extensão, tenham muito a aprender perguntando o que está fora do ângulo imediato de visão.” (Jornal do Brasil,2003:3).

Pensamos que esta questão nos ajuda a circunscrever o enorme desafio de sair da retórica das intenções e efetivar práticas extensionistas vinculadas a interesses e necessidades sociais reais da maioria da população, no interior do qual é imperioso que se articulem ensino e pesquisa. Busca-se assim concretizar a dimensão de comprometimento social real da extensão, ao mesmo tempo em que se intenta seja esta subtraída à lógica mercantil, que está a presidir um conjunto bastante expressivo de cursos e atividades de extensão no interior das universidades públicas brasileiras. Esta construção vai implicar em novos olhares, em uma visão menos imperial do conhecimento, no esforço de observar o que está posto na realidade social, mergulhando na sua complexidade e descobrindo e traduzindo as suas possibilidades.

É dentro dessa intencionalidade - que é coletiva - de alunos, professores-pesquisadores, técnicos e de distintos segmentos sociais, que o Centro de Filosofia e Ciências Humanas tem buscado conduzir o seu projeto de Extensão. Projeto este que já está a incorporar ações realizadas e as que estão em processo. Bem como delinear o horizonte, possível, de novas realizações.

Visto que há um conjunto diferenciado de atividades de extensão em andamento, organizadas/vinculadas ao CFCH, nos limites deste trabalho, iremos nos deter em dois experimentos postos em discussão a seguir: 1o Experimento: 64+40: Golpe e Campo(u)s de Resistência (realizado em março/abril de 2004).

O nosso objetivo foi produzir um vasto painel que recuperasse as diferentes formas como foram vividos os 21 anos de ditadura. Desde a reflexão dura da política e da historiografia, em meio aos depoimentos ternos do endurecimento que foi necessário para resistir ao horror autoritário, até a ternura da poesia, do teatro e do cinema e sua dura denúncia do arbítrio e apurada reflexão – como nunca mais se repetiu em nossa história – sobre o Brasil e seus dilemas. Acreditamos que a forma desse grande evento, ao misturar sentimentos ainda fortes com reflexões ousadas daqueles acontecimentos, pode mostrar o quanto nos falta e o quanto nos calou profundamente a história do país nestes últimos 40 anos.

A maior universidade federal do Brasil não poderia ter se furtado deste papel, principalmente num momento em que se abrem novamente as veredas para se redefinir os grandes temas bloqueados em 64. Ela, um campo que semeou momentos inesquecíveis da resistência democrática chamou agora, novamente, para si esse relevante papel de aglutinar e pensar os grandes problemas nacionais e as novas resistências. É isso o que temem os que preferem que o conhecimento e o saber se mercantilizem generalizadamente. Foi contra isso, que investimos na participação de amplos setores da sociedade neste evento, cuja programação geral passamos a declinar a seguir: “64 + 40: Golpe e Campo (u) s de Resistência”. Programação - 29 de Março a 02 de Abril: - Abertura da Exposição Permanente “O filme brasileiro em cartaz-o olhar da censura”. - Abertura da Exposição Permanente “Censores em Ação: pareceres e tesouradas”. - Teatro-Relâmpago. Abertura de Liberdade, Liberdade, de Millôr Fernandes. - Mesa: “64+40: Ditadura e Luta pela Democracia”. - PIPOCA POÉTICA: trecho do livro Nas profundas do inferno, de Arthur José Poerner. - Mesa: ”64+40: Partidos políticos e resistência democrática”. - Mesa: ”64+40: Os Militares e a Questão Nacional”. - Show de Abertura com Joyce – ao lado da piscina. -Orquestra de Flautas da Maré. - Teatro-Relâmpago: trechos de “A Resistência”, de Maria Adelaide Amaral. - Mesa: “64+40: Imprensa de Resistência.” - GOLPE na TELA: exibição de vídeos. - Pipoca poética: Poema de Ferreira Gullar. - Mesa: “64+40: “Resistência em Tela. - Pipoca Poética: textos de Poetas da década de 70. - Mesa: “64+40: Literatura e Resistência.” - Exibição do Filme “ Barra 68” – Direção de Wladimir . - Teatro-Relâmpago: Trechos de “Apareceu a Margarida”, de Roberto Athayde. - Mesa: “64+40: Mulheres na resistência”. - Teatro-Relâmpago: Trechos de “Murro em ponta de faca”, de Augusto Boal. - GOLPE na TELA: exibição de vídeos. Local: Auditório do CFCH –Centro de Filosofia e Ciências Humanas. - Mesa: “64+40: Resistência na cidade e no campo”. - Desafi(n)ando a ditadura: Show

Revisitando o Opinião. - “Abertura da sala multimeios.” - Homenagem a Moacyr Félix com a participação de artistas do MHUD (Movimento Humanos Direitos). - Recital de Bartholomeu Wiese, com peças de Tacuchiau, Guerra-Peixe, Edino Krieger e Nelson Macêdo). - Abertura da Exposição Permanente “FH Fazendo Arte: um pequeno resumo de 8 anos de suplício”, de AROEIRA (MHUD). - Abertura da exposição Permanente “30 anos de Maio de 68: o começo de uma luta social”. Cortesia do CFESS- Conselho Federal de Serviço Social. - Pipoca Poética: Carta de Joel Rufino dos Santos, escrita, da prisão, a seu filho. - Mesa: “64 + 40: Ditadura e Resistência.” - Pipoca Poética: “Liberdade” de Paul Éluard, usado em Liberdade, Liberdade.- Mesa: “64+40: Movimento estudantil.” - Conjuntura dos anos 60: “Meninos, eu vi”. Filme: “Jango”, Sílvio Tendler. - Mesa de Depoimentos. – Coquetel. - Pipoca Poética: Trecho de O Que É Isso, Companheiro?(Gabeira). - Mesa: “64+40: Balanço da luta armada.” - Roda de samba ou chorinho. - GOLPE na TELA: exibição de vídeos. - Teatro Relâmpago: Trecho do Auto dos 99% (Vianinha). - Mesa: “64+40: Impasses atuais da Universidade Pública e propostas de mudança.” - Compacto da peça Companheiro, de Luís Fernando Lobo (MHUD) com o Grupo Ensaio Aberto. - Mesa: “64+40: Teatro e Resistência” - Leitura Dramática do Texto Compactado de “A Pandorga e a Lei”, de João das Neves. - Show de Encerramento com MPB4.

De forma bastante sintética traçaremos eixos de reflexão que entendemos, povoaram o circuito do evento, refletindo para além da intencionalidade de seus organizadores, processos múltiplos de descoberta, cumplicidade, rejeição, encantamento, possibilitada pela própria dinâmica das apresentações e dos sujeitos reais que, com sua presença, produziram uma alquimia imprevisível, do efeito potencializado pelo teatro, música e poesia.

A - Sobre a dimensão da arte e da cultura: A partir da década de 60, o teatro brasileiro fez-se notar pelo aparecimento de grupos dedicados a temas e linguagens voltados para as grandes questões nacionais (reforma agrária, reforma universitária, lei de remessa de lucros). Estamos falando do Teatro de Arena de São Paulo, do Centro Popular de Cultura da UNE (Rio de Janeiro), do Movimento de Cultura Popular (Pernambuco), entre outros. O Golpe de 1964 ceifou iniciativas, instaurou forte sistema de Censura (agravado em 68), perseguiu artistas e intelectuais, assassinou, exilou. Após o Golpe, a resistência de atores, dramaturgos e encenadores viveu constrangimentos como ter invadidos os seus espetáculos (Roda viva, Calabar, Barrela); enfrentou torturas e humilhações de toda ordem; sofreu vetos e cortes pela Censura (o que depauperou o já restrito mercado de trabalho).

Entretanto, estas obras e artistas são hoje clássicos e referenciais para as novas gerações. Faltou espaço para tanta memória... Reunimos fragmentos de peças teatrais representativas, tanto do ponto de vista da luta quanto do aspecto estético, para serem dramatizados por nossos alunos durante o evento.

Liberdade, liberdade, de Millor Fernandes e Flávio Rangel, foi um dos primeiros gritos de denúncia do arbítrio. A resistência, premiado texto de Maria Adelaide Amaral, focaliza a crise vivida por um grupo de jornalistas cuja liberdade de expressão se vê cerceada. Apareceu a Margarida, de Roberto Athayde, satiriza, de modo metafórico (a Censura não perdoaria abordagens mais explícitas), a mediocridade que paira sobre uma educação destituída de sua tarefa de formar o ser humano como cidadão crítico e responsável. Murro em ponta de faca, de Augusto Boal, lança os refletores em direção aos exilados e presos políticos.

O jovem diretor Luís Fernando Lobo e o Grupo Ensaio Aberto, herdeiros destas preocupações, apresentaram um compacto de seu espetáculo Companheiros. João das Neves, do saudoso e aguerrido Grupo Opinião, teve sua obra A pandorga e a lei lida por alunos do Curso de Direção Teatral (Escola de Comunicação) e do Colégio de Aplicação, ambos da UFRJ.

Junto às peças, trechos de poesia e prosa, igualmente belos e combativos. Compareceram um fragmento do romance *Nas profundas do inferno*, de Artur José Poerner; uma carta de Joel Rufino dos Santos escrita, da prisão, a seu filho; trecho de *O que é isso, companheiro?*, de Fernando Gabeira; de Paul Éluard, o poema *Liberdade*, utilizado em *Liberdade, liberdade* e único texto não brasileiro; juntaram-se a eles poemas de Ferreira Gullar e um breve apanhado poético da década de 70. Homenageamos Moacyr Félix. Cantamos. Um grito parado no ar (peça teatral de Gianfrancesco Guarnieri) é, atualmente, um mote e uma sugestão de novos encontros. O teatro, a poesia e a canção foram nossas armas de defesa naqueles anos de chumbo. Serviram agora para fazer pensar, usando este verbo em amplo sentido. Pois pensar é curar feridas (do passado, do presente) e engendrar o futuro. Não é à toa que vivemos novos projetos de reforma.

O teatro-relâmpago foi, durante a Ditadura, largamente utilizado pelos estudantes, constituindo verdadeira tática de guerrilha da informação. Serviu para denunciar abusos, satirizar e ridicularizar o arbítrio, incitar à luta onde houvesse concentração humana. Usamos, no 64+40, textos de teatro consagrados e significativos por seu conteúdo poético e político, retomando o espírito rebelde e irreverente daqueles tempos: foram intervenções na estrutura do evento, com pequenos flashes. Assim também com o que chamamos “pépoca poética”. A escolha dos textos obedeceu a critério temático. Nós os aproximamos do que era abordado na mesa-redonda onde cada um se apresentava.

Além de atrair público numeroso às dependências do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ durante os cinco dias de sua programação, o evento 64+40: Golpe e campo(u)s de resistência estabeleceu quebra da rotina acadêmica, na qual se pôde acolher saberes não-acadêmicos em torno dos temas abordados. A presença ativa de estudantes na elaboração e produção das atividades estimulou as trocas de lugares e desconstrução de hierarquias, bem como desfizeram-se autoridades discursivas.

Neste sentido, o próprio estudante, abandonando a posição de mero aprendente, atuou na condição de sujeito de seu pensamento e de seu aprendizado. Deu-se, portanto, para o público interno, um prolongamento da sala de aula, completando-se porém dissolvendo suas pautas e procedimentos.

Ressalte-se, também, o intercâmbio resultante do contato entre os variados cursos. Para o público externo, uma oportunidade de tomar contato com a produção de pensamento realizada na Universidade.

Deve-se assinalar, destacadamente, o modo de participação da parte cultural no conjunto do evento. Ela não se pautou, como é de costume, pela ilustração temática do que foi abordado, nem se contentou em permanecer como iniciativa de “animação e lazer”. Ao contrário, o teatro, a poesia e o cinema se dedicaram a reviver o lugar de reflexão histórico-político-social do período da Ditadura. Retomada e análise que se deram não apenas nas mesas-redondas dedicadas a cada área, mas na reflexão explicitada em torno de seu papel hoje, através da encenação do repertório do passado confrontado com linguagens e questões do presente. Afinal, vida de hoje também se tece de resistência.

Desdobramentos da programação do 64+40 têm acontecido. No mês de maio a parte teatral do evento apresentou-se no III Festival UFRJ-Mar, de iniciativa dos cursos de Engenharia Naval, Biologia Marinha e Engenharia Oceânica. O festival é anual e organizado em pequenas cidades do litoral do Estado do Rio de Janeiro. Tem por finalidade promover cursos, oficinas, debates, palestras sobre pesquisas em desenvolvimento na Universidade, sem a obrigatoriedade de versarem sobre o mar, embora este seja o eixo central motivador. A presença da poesia, do teatro e de outras artes caracteriza a dimensão simbólica como mais um modo de conhecer e viver o mar, modificando a qualidade da relação que têm com ele as comunidades onde acontece o festival. Demonstra-se, com isso, a capacidade que tem a atividade extensionista de servir de plataforma de trocas e interpenetrações de saberes, com o

que se desfaz a cisão ciências exatas/ciências humanas/arte e cultura. A contribuição do Curso de Direção Teatral da Escola de Comunicação (unidade do Centro de Filosofia e Ciências Humanas) dá-se no sentido de tomar a produção cultural e artística como ponto de interseção entre os saberes, a partir do qual múltiplas incursões tornam-se possíveis nas mais variadas formas de subjetivação humana e interpretação do viver.

B- Eixo da educação: Na temática educação, a preocupação foi de destacar as intervenções ocorridas nesse período com a implantação das reformas educacionais- reforma universitária e a do ensino de 1º e 2º graus. O processo de desconstrução/construção, de decompor/compor/recompor, nos auxilia no sentido de revelar que as construções culturais, apoiadas na lógica do silêncio, foram determinantes para o regime autoritário pós-64. Posto isto, as discussões e posições políticas giraram em torno da “modernização” do ensino e da formação de professores. O que se destacou foi o estabelecido, a adequação dos aspectos legais em vigor. Daí a lacuna, o silêncio.

C - Eixo de memória histórica. Este eixo buscou contemplar o sentido de um tempo presente – 2004- como um lugar com capacidade de proceder a uma interpelação substantiva sobre o passado, nos termos de Irene Arruda (2001:10), a partir da relação da memória com o não esquecimento e da memória com a história. Trata-se, em verdade, no movimento que foi sendo forjado ao longo do evento, de busca de uma problematização que não apenas incidisse sobre o passado recente do golpe militar – objeto privilegiado do nosso olhar -, mas que possibilitasse simultaneamente, um mergulho sobre o tempo presente.

Dessa perspectiva a própria reconstrução da memória passada vai se articulando a situações da recente história brasileira, numa perspectiva negadora do 'presenteísmo' - para usar uma conceituação de Hobsbawm (1995) - o que significa reafirmar a relação de tensão existente entre o passado e o presente; reconhecimento que por sua vez implica em retomada de própria perspectiva do devir.

O sentido desta reconstrução histórica se revelou fundamental - em especial para os jovens presentes - que em sua grande maioria desconheciam a experiência de autoritarismo recentemente vivida na história brasileira; significou também para muitos jovens de cinquenta anos, um momento especial no interior do qual foram revisitadas situações de dor e luta, promessa e perda, encontro e rememoração coletiva.

Merece ser ressaltado que muitos dos protagonistas do evento vivenciaram este período, participando de distintos lugares políticos, mas ainda assim, se revelaram extremamente disponíveis a relatar e refletir sobre os seus significados e as marcas subjetivas neles produzidas. 2º Experimento: Curso de Teorias Sociais e Produção de Conhecimento. Parceria: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)-Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Pró-Reitoria de Extensão/ Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)- Escola Nacional Florestan Fernandes(ENFF).

Apresentamos a seguir fragmentos da proposta construída pelo MST, e que já foi objeto de reflexão por parte do coletivo de professores participantes, a redundar em novas elaborações conjuntas para a organização do segundo módulo do curso. “Curso: Teorias Sociais e produção do Conhecimento.

Introdução: É relevante a parceria já firmada entre as Universidades Federais e/ou Particulares de diversos Estados da Federação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, no campo da formação de jovens, militantes e educadores (...). Acreditamos que essa relação entre Universidade e Movimentos Sociais cada vez mais deve ser aprofundada, possibilitando que mais pessoas tenham acesso a conhecimentos científicos. (...) Há um trabalho com mais de 50 Universidades, possibilitando assim, uma inserção maior de professores, pesquisadores e instituição de ensino e pesquisa, com a realidade do campo, da luta pela reforma agrária e por uma sociedade mais humana e justa, no sentido de fortalecer esses movimentos, numa relação dialética entre a Teoria e a Prática. (...)

1. Objetivos do Curso: 1.1 Formar educadores e dirigentes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra para que possam desempenhar com maior eficácia as atividades práticas; 1.2. Exercitar a prática do pensar, interpretar, investigar sobre a realidade que precisa ser transformada; 1.3. Estudar e entender as diferentes correntes do pensamento filosófico e suas influências na prática política atual; 1.4. Entender e desenvolver o marxismo (...); 1.5. Ser um espaço para debate e elaboração sobre os problemas contemporâneos da sociedade brasileira, bem como, o papel dos Movimentos Sociais nesse contexto; 1.6. Possibilitar o intercâmbio entre os Movimentos Sociais e a Universidade, ou seja, entre educandos, professores e a comunidade acadêmica.

Metodologia

O curso será organizado e desenvolvido em períodos alternados de férias, com duração de 4 a 5 semanas cada período.(...). 2.9. Deverá ser montada uma Coordenação com membros da universidade e mais representantes do MST (...)...3. Programação: O Curso está programado para se realizar em V Etapas. – Por questão de espaço, circunscrevemos o relato às três primeiras etapas.(observação nossa).

I Etapa Ementa: O objetivo desta etapa é uma aproximação com a produção do conhecimento crítico, tendo como referência o método dialético, como também um estudo da história da formação do capitalismo, centrado nos séculos XIX e XX. II Etapa: será composta de duas disciplinas: Construção da dialética a partir da História da Filosofia e Formação do Estado Moderno I. O objetivo é reforçar o acúmulo de aprendizado da etapa anterior, aprofundando a questão da dialética desde uma perspectiva histórica, se apoiando nos clássicos da filosofia, como também introduzir a questão da formação do Estado Moderno. (...).III Etapa Formação do Estado Moderno II: Aprofundar o Pensamento Marxista sobre o Estado. (Marx, Engels, Lênin e Gramsci). Ideologia e Consciência Social (...).” Estágio do nosso trabalho: O estágio de trabalho atual é o de preparação do 2º módulo. As discussões implicaram em avaliação do 1º módulo, com a preocupação incorporar os aprendizados desta avaliação. Nessa direção, a reflexão caminhou no sentido do esforço de não fragmentar os conteúdos, de se clarear ainda mais a proposta metodológica - o que significa também observar as formas através das quais os trabalhadores apreenderam os conteúdos e formularam suas sínteses.

Temos feito um investimento importante em agregar linhas de pesquisa, e especialmente, incorporar de forma ativa alunos da pós-graduação no contato com o grupo de trabalhadores, para que estes os auxiliem na importante tarefa de proceder orientações de pequenas monografias.

Avaliamos que esta experiência importará à universidade, para além do exercício efetivo de sua função social, em enorme aprendizado conjunto, oriundo de demandas postas por um movimento social tão expressivo na recente história das lutas sociais brasileiras.

Conclusões

Para finalizar, consideramos da maior importância realçar, de um lado, a pertinência e relevância do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ, assumir concretamente através da articulação entre Ensino – de Graduação e Pós-Graduação –, Pesquisa e Extensão, a sua função social de Universidade Pública, com capacidade real de dialogar e estabelecer vínculos não apenas internamente, mas com a sociedade concreta. E de outro, substantivar esta função a partir do desafio de tradução da conjuntura - no interior da qual se movimentam tão distintos interesses –, buscando para além de distingui-los analiticamente, proceder e selar compromissos reais que apontem para parcerias com o poder público, numa visão de que este também precisa ser instado a servir à maioria da população, materializando seu enorme potencial de diferenciados recursos.

Nesta perspectiva entende-se que a universidade muito tem a contribuir, socializando o seu conhecimento e experiência, direcionando-os a uma efetiva ampliação de direitos sociais.

Referências bibliográficas

BARRAZA, Ximena. In Notas sobre a vida cotidiana numa ordem autoritária. América Latina, novas formas de dominação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1980, p.19-27

CARDOSO, Irene. Para uma crítica do presente. São Paulo: Editora 34, 2001, 286p.

NEVES, Lucília. In História oral: Memória Política. Várias Histórias. Belo Horizonte: nº 12, dezembro 1993.

HOBBSBAWN, Eric. Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra- Proposta de curso de Teorias Sociais. Rio de Janeiro: Equipe Nacional de Formação, 2003, 12p.

. Plano Nacional de Extensão Universitária- 2000/2001. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC, 2001.